



Processos formativos do pianista colaborador no âmbito de um programa de extensão universitária

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

SUBÁREA: PERFORMANCE

Anna Luísa Pires Silva
UFSJ – annaluisapires@hotmail.com

Carla Silva Reis
UFSJ - carlareis@ufsj.edu.br

Resumo: Esta investigação de iniciação científica pretendeu demonstrar como um programa de extensão universitária pode cumprir um papel fundamental para a formação de estudantes de piano que queiram se preparar adequadamente para atuar como pianista colaborador. Para tanto, procurou-se cotejar as atividades de bolsista, atuante como "pianista colaboradora" durante o ano letivo de 2014 no programa de extensão "Vivências Musicais", com a literatura que trata da formação específica na área, como também com a atuação profissional de um dos técnicos pianistas do Departamento de Música da Universidade Federal de São João Del Rei (Minas Gerais).

Palavras-chave: Extensão universitária. Pianista colaborador. Performance musical.

Formative Pianist Collaborator Processes Within a University Extension Program

Abstract: This scientific initiation research intended to demonstrate how a university extension program can play a key role in the formation of piano students who want to prepare properly to act in this role. For this purpose, we compared the "collaborator pianist" (a undergraduate research) activities, during the school year 2014 at "Vivências Musicais" program, with the literature that deals with specific training in the area, as well as with the professional performance of one of the pianists that work at Universidade Federal de São João Del Rei (Minas Gerais).

Keywords: University Extension. Piano Collaborator. Musical Performance.

1- Notas introdutórias, objetivos e metodologia

Em se tratando da atuação profissional de pianistas egressos de cursos superiores de música, o mercado de trabalho formal no Brasil oferece oportunidades mais imediatas para a função de professor de piano. Entre as poucas oportunidades de trabalho como instrumentista, a atuação como "pianista colaborador" é uma dessas possibilidades, um bom exemplo disso é a presença de técnicos pianistas que atuam nessa função em diversas universidades brasileiras. Curiosamente, na pesquisa de doutorado de Carla Reis, foi traçado

um perfil dos estudantes de piano da UFSJ e da UFMG ingressantes entre 2006 e 2011, e constatou-se que esse tipo de trabalho não figura entre os mais desejados pelos alunos (REIS, 2014: 90). Acreditamos que isso se deva em parte à desinformação, em parte ao preconceito ligado à profissão, cujo teor trataremos mais à frente.

Mas, afinal, quem é e o que faz um pianista colaborador? Em linhas gerais, a expressão designa o profissional que toca com um ou mais instrumentistas ou cantores. Segundo Mundim, o pianista colaborador "deve utilizar-se de suas habilidades e competências para completar a interpretação musical conjuntamente com o outro instrumentista, enriquecendo a execução de forma equilibrada" (2009: 25). Normalmente, as grades curriculares dos cursos de música no Brasil não contemplam diretamente a formação do "pianista colaborador", mas o fazem por meio de disciplinas que contribuem nessa direção, como aulas de piano individuais, prática de música de câmara e, por vezes, a disciplina "leitura à primeira vista".

Na UFSJ, o Programa de Extensão "Vivências Musicais" do Departamento de Música nos pareceu o espaço ideal para a formação básica do "pianista colaborador", uma vez que em 2014 uma das bolsas de extensão, da qual fui beneficiária, teve como uma das atribuições acompanhar ao piano os alunos, cantores e instrumentistas, participantes do programa. Essa experiência proporcionou também a oportunidade de desenvolver um projeto de Iniciação Científica, cujo relato apresentamos neste texto. O principal objetivo foi demonstrar como a atuação como pianista colaborador em projetos de extensão de ensino musical pode contribuir para a formação inicial desse profissional. Procurou-se também descrever as especificidades da formação e da atuação, assim como traçar um perfil da profissão a partir do relato de um dos pianistas colaboradores lotados no Departamento de Música da Universidade Federal de São João Del Rei (Minas Gerais).

Para atingir os objetivos propostos, foi necessário recorrer a procedimentos metodológicos variados. O levantamento bibliográfico foi realizado concomitantemente à escrita de um diário de campo, que teve por objetivo relatar as atividades desenvolvidas pela bolsista no Programa "Vivências Musicais". Essa escolha metodológica deu ao projeto um viés etnográfico, mais especificamente autoetnográfico. Optou-se também por realizar uma entrevista semiestruturada com um dos técnicos pianistas do Departamento de Música da UFSJ. Como última etapa metodológica, cotejamos os dados coletados (entrevista e relato do diário de campo) com o levantamento bibliográfico a fim de averiguar a hipótese da pesquisa.

2- O pianista colaborador: quem é ele?

Dentro do mercado de trabalho de atuação como pianista, temos diferentes funções, e cada uma delas necessita formação e habilidades específicas. Segundo Mundim (2009) e Muniz (2010), "pianista camerista" é aquele que trabalha com música de câmara, ou seja, tem o repertório voltado a um pequeno grupo, geralmente com um ou mais solistas, com parte específica de cada instrumento. Já o termo "correpetidor" ou "coach" se refere ao pianista que, além de tocar com cantores, os auxilia na preparação das peças, possui conhecimento de línguas estrangeiras e domina o repertório de canto, como também questões técnicas como pronúncia, dicção e respiração. Esse profissional pode vir a trabalhar junto com o professor de canto e, se necessário, até substituí-lo. Por último, e não menos importante, temos o "pianista colaborador", também conhecido como acompanhador.

O pianista acompanhador é o músico que atua tocando diretamente com instrumentistas ou cantores. Mas devido à confusão e dupla interpretação que a palavra "acompanhador" pode causar esse termo vem sendo substituído pela palavra "colaborador", que mostra mais igualdade entre as partes. É importante ressaltar que este termo é recente e veio substituir a expressão "acompanhador" que carrega, muitas vezes, uma conotação pejorativa: "classificar uma pessoa como 'acompanhadora' denota função de segundo plano" (COELHO, 2003: 946). Assim, a nova terminologia, que possui um sentido de igualdade ao invés da ideia de submissão da palavra "acompanhador", procura valorizar o trabalho do pianista e enfraquecer o senso comum que atribui a esse profissional uma posição hierárquica inferior no campo musical.

Para Muniz (2010), o trabalho do colaborador se dá em diferentes formações, tanto musicais quanto teatrais, se diferenciando de correpetidores e cameristas pelo repertório e pelo conhecimento em técnica vocal. Devido às características citadas acima, o pianista colaborador é um dos profissionais mais flexíveis de sua área. Segundo a entrevista que realizei com o pianista correpetidor do Departamento de Música da UFSJ, a palavra que define o pianista colaborador é a "flexibilidade". Ao ser questionado sobre a terminologia com a qual ele mais se identificava, afirmou não ter preferência. Entretanto, ressaltou que considera a expressão "colaborador" mais adequada, pois "existe uma ideia errada de que o acompanhador é um pianista de segunda classe ou alguém que não conseguiu seguir carreira solista".

Além das competências técnico-musicais de cunho mais geral, a formação do pianista colaborador requer o desenvolvimento de outras habilidades, como as elencadas por

Rubio: "a capacidade de trabalho em equipe, uma boa leitura à primeira vista, competências sociais, flexibilidade, capacidade de reação e capacidade de equilíbrio entre o piano e o instrumento acompanhado" (2012: 2). O pianista entrevistado ressaltou que "ser flexível" não significa aceitar qualquer coisa, mas sim se adequar a situações que, talvez, não sejam tão confortáveis:

a flexibilidade é o mais importante pro cargo, para a atuação da carreira, porque o tempo todo você vai lidar com coisas e demandas novas, pessoas diferentes. É muito diferente de se preparar um repertório solo, que você programou o ano inteiro. Não é fácil, mas é outra coisa. E pra quem gosta de gente, de se relacionar, gosta de ficar perto de pessoas, acho que é uma ótima área.

Entretanto, no Brasil, a formação do "pianista colaborador" não costuma ocorrer de forma institucionalizada como é comum em outros países, onde há cursos e disciplinas específicos para a preparação desse tipo de profissional. O estudo de Mundim (2009) demonstrou que no contexto brasileiro a formação se dá preponderantemente de forma empírica, seja na graduação – ao acompanhar colegas – ou durante a própria atuação profissional. E isso pode ser comprovado de acordo com meu entrevistado, que hoje trabalha com correpetição no Departamento de Música da UFSJ, mas não teve uma formação específica nessa área de atuação. Como ele reportou, sua formação ocorreu de forma empírica, devido a uma facilidade que desenvolveu desde cedo ao acompanhar colegas em ambientes informais como a Igreja. Afirmou também que sua capacitação se deu de forma intuitiva e através da prática, já que sua formação pianística foi realizada em um curso de bacharelado, que prioriza a formação de pianistas solistas. Mesmo não tendo uma formação na área, o entrevistado ressaltou que é fundamental ter conhecimento específico do instrumento e falou da importância de se criar um curso para capacitar profissionais nessa área, já que há uma demanda no mercado e não há profissionais formados. Por fim, ressaltou que somente depois que se investir na formação desse profissional é que será pertinente se falar sobre diferentes categorias e nomenclaturas.

3- A atuação como pianista colaboradora no programa Vivências Musicais: um breve relato

O Programa Vivências Musicais, ativo desde 2009, é um programa de extensão do Departamento de Música da UFSJ, e funciona como um laboratório de ensino para os discentes do curso de música. Nesse programa, os graduandos e docentes oferecem à

comunidade de São João Del Rei e região a oportunidade de aprendizagem e aperfeiçoamento da prática musical, instrumental e de canto, através de aulas e outras atividades musicais. Durante o ano 2014, o programa contou com três bolsistas, sendo eu uma delas.

Além de atuar no exercício de algumas funções de ordem prática, trabalhei como pianista colaboradora, atendendo cantores e instrumentistas que necessitassem de um pianista em suas apresentações ou mesmo durante as aulas. Esse tipo de atuação do bolsista não havia ocorrido até então. A colaboração era disponível a todos os cursos do programa, mas nem todos os alunos a requisitaram. Esse trabalho ocorreu de quatro formas, a saber: atuação durante as aulas ao longo do semestre; ensaios com os alunos sem a presença do professor ao longo do semestre; ensaios pontuais na semana das apresentações e performance em recitais públicos.

Nas atividades desenvolvidas no decorrer de todo o semestre letivo, ficou claro como o piano auxiliou na performance dos alunos, principalmente na dos iniciantes. Para instrumentistas de corda (violino, viola e violoncelo), o piano ajudou claramente na afinação e na compreensão do discurso musical, possibilitando, por exemplo, maior acuidade na execução das nuances da dinâmica e no entender da forma e do fraseado. Sobre esse tipo de trabalho com alunos iniciantes, Mundim afirma:

Com o repertório mais fácil e de peças curtas e mais simples - fase inicial - o pianista aprende a desenvolver habilidades e cuidados específicos, não se restringindo a um tipo determinado de instrumento ou canto, direcionando e refinando a forma de como acompanhar, adequando as suas necessidades e a do estudante; e ainda uma boa oportunidade de treinar leitura a primeira vista. O contato com músicos iniciantes é fundamental na preparação do pianista com relação a parte auditiva - a atenção e o reflexo desse profissional para determinadas situações como pulso irregular e imperfeições rítmicas, por exemplo, são posto à prova o tempo todo - e a interação com a individualidade de cada aluno - como saber lidar com as inibições e pânico de tocar para outra pessoa que não seja o próprio professor (MUNDIM, 2009: 41).

Como colaboradora em formação, a meu ver, a experiência mais enriquecedora foi participar das aulas de instrumento/canto do aluno. Além de desempenhar minha função de pianista, pude aprender muito também sobre o instrumento que estava acompanhando, como, por exemplo, a produção correta do som, a postura adequada, o uso do arco etc. Os ensaios que realizei ao longo do semestre sem a presença do professor de instrumento também foram muito bem aproveitados. Os alunos que ensaiavam sem o professor sempre aproveitavam para esclarecer dúvidas acerca da partitura, demonstrando estar mais à vontade, uma vez que tal atitude não foi observada durante as aulas.

Ao tocar com instrumentos diversos, pude conhecer um repertório que até então, eu não tocava ou me era desconhecido. Destaco também como experiências muito significativas a possibilidade de tocar em grupo ou em pequenas formações (o que difere da formação como pianista solista) e o aprendizado para lidar com pessoas com conhecimentos musicais e faixas etárias heterogêneas. Todas essas experiências – que corroboram o que foi encontrado na revisão de literatura – me fizeram estar mais atenta a questões como a sonoridade, as articulações, o volume de som, a afinação e a extensão de cada instrumento. Sobre a formação do colaborador em contextos de ensaio e sala de aula, Muniz afirma:

[...] o pianista que pretende se dedicar a uma carreira de corpetidor, músico de câmara ou mesmo como pianista colaborador, deve destinar seus esforços ao aprendizado autodidático, porém colhidas de experiências em conjunto. Autodidata, pois serão descobertas que ele irá fazer sozinho ao longo do processo de aprendizado durante os ensaios com grupos de câmara, corais, cantores de ópera, na sala de aula com aluno de instrumento ou canto, ou em outras situações. É a partir do trabalho realizado com essas formações musicais que ele encontrará o ideal buscado para um trabalho expressivo e maduro (MUNIZ, 2010: 37-38).

Uma dificuldade que tive ao realizar os ensaios semanais foi a falta de frequência dos alunos. Em uma das ocasiões em que ensaiei somente uma vez ou duas antes da apresentação, o que era previamente combinado, enfrentei uma grande dificuldade. Foi necessário transpor um arranjo de uma música popular que tinha feito para piano no dia anterior à apresentação. Essa experiência me fez sentir muito insegura. A transposição é uma habilidade muito importante para pianistas dessa área, porém considero que é pouco estudada nos cursos de graduação em música.

Os instrumentos que acompanhei foram: violino, viola, violão, violoncelo, cantores populares e um cantor erudito, com repertório que variavam do popular ao erudito. Além de partituras convencionais; utilizei partituras com cifra sem melodia; e uma vez precisei fazer um arranjo para piano de uma música autoral de um aluno. Minha maior dificuldade foi construir os arranjos para piano para as músicas populares; nas músicas eruditas, não enfrentei esse problema porque sempre tinham partituras e, por isso, me senti segura interpretando-as.

4- Notas conclusivas

Os principais resultados deste trabalho confirmam sua premissa ao demonstrar que as atividades vivenciadas por mim, como bolsista no programa de extensão, constituíram importantes processos formativos para uma futura atuação como pianista colaboradora. Pude

comprovar que ter conhecimento da escrita musical e de diferentes estilos de época são importantes competências do pianista colaborador, mas é de forma empírica, através das aulas e ensaios com os alunos, que se pode formar outras habilidades também necessárias para a boa atuação na área.

Quanto as competências que desenvolvi ou aprimorei para desempenhar a colaboração no Programa Vivências Musicais (UFSJ), destaco as principais: leitura de partitura convencional; leitura de cifras; leitura ampliada de sistemas na partitura (parte piano e parte solista); elaboração de arranjos para músicas populares; habilidade de transposição; habilidade de improvisação; capacidade de tocar repertórios diferentes (erudito e popular); capacidade de lidar com pessoas com faixa etária, personalidade e conhecimento musical diversos; capacidade de lidar com situações adversas de ensaio e performance. Como dito anteriormente, pude também ampliar meus conhecimentos acerca de outros instrumentos, como afinação, extensão, produção do som, entre outros. Ao comparar minha atuação como bolsista com a de um pianista colaborador profissional, como foi descrita pelo entrevistado, as principais diferenças foram a dificuldade das obras e o tipo de repertório. Enquanto o entrevistado trabalha somente com música de concerto, acompanhei músicos populares e eruditos; o pianista trabalha com pessoas em nível acadêmico e eu, com pessoas em nível básico e intermediário.

Foi possível também concluir que a proficiência em música popular (incluindo habilidade de transposição e improvisação), demandada em algumas atividades que realizei, não é uma habilidade citada pela literatura específica; não está presente na atuação do pianista profissional entrevistado e não é contemplada diretamente na grade curricular do curso de Música da UFSJ, onde estudo. Para atender a tais demandas, necessitei mobilizar conhecimentos musicais adquiridos fora do ambiente acadêmico.

Por fim, podemos concluir que o acompanhamento de alunos iniciantes, como a vivenciada no Programa Vivências Musicais, é realmente uma excelente maneira de desenvolver as inúmeras competências envolvidas na atuação como pianista colaborador, como descreve Mundim:

Outra fonte de aprendizado em que os profissionais colaboradores encontram uma importante oficina preparatória é a oportunidade de trabalhar em instituições de ensino, como conservatórios e escolas de música. Nestes ambientes, o ensino é voltado em boa parte para a fase inicial da formação musical, com um grande contingente de alunos e variedade de instrumentos e repertórios, o que ajuda a lidar com diversas situações que se potencializam por: dificuldades/habilidades técnicas, qualidade de certos instrumentos, inadequações camerísticas – como não saber dosar

tímbricamente o som por falta de experiência – e personalidades contrastantes (2009: 40).

A título de recomendação, este trabalho aponta três sugestões. A primeira seria o uso de cursos de extensão de ensino musical como *locus* de formação para os pianistas que desejam atuar profissionalmente como colaboradores. Em segundo lugar, sugerimos a criação de cursos de graduação, ou mesmo técnicos, que profissionalizem e capacitem pianistas colaboradores, correpetidores e de câmara, pois em cada uma das funções existem competências específicas que não são contempladas na formação de pianista solista. A terceira, e última, diz respeito à inserção da prática em música popular no currículo dos cursos superiores de Música como uma importante ferramenta para a atuação profissional dos pianistas que pretendem atuar como colaboradores em contextos musicais diversos, considerando que as fronteiras entre música popular e música de concerto estão cada vez mais fragmentadas nos dias atuais.

Referências

- COELHO, Marília de Alexandria Cruz. *Pianista acompanhador: um estudo analítico de suas competências e ações enquanto produtor musical*. Anais do XIV Congresso da ANPPOM. Porto Alegre, 2003.
- MUNDIM, Adriana A. *Pianista Colaborador: A formação e atuação performática voltada para o acompanhamento de Flauta Transversal*. [135 páginas]. Dissertação de Mestrado em Música: Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte (MG), 2009.
- RUBIO, Isolda C. *A influência do pianista acompanhador no percurso de aprendizagem musical dos estudantes de instrumento*. [136 páginas]. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação-Música: Universidade Católica Portuguesa, Porto (Portugal), 2012.
- REIS, Carla S. *Trajetórias em contraponto: uma abordagem microssociológica da formação superior em piano em duas universidades brasileiras*. [311 páginas]. Tese de Doutorado em Educação: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (MG), 2014.
- MUNIZ, Franklin. *O pianista camerista, correpetidor e colaborador: as habilidades nos diversos campos de atuação*. [49 páginas]. Dissertação de Mestrado em Performance Musical e suas interfaces: Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (GO), 2010.
- ELLIS, C.; ADAMS, T.; BOCHNER, A. *Autoethnography: An Overview*. *Sozialforschung*, Volume 12, No. 1, Art. 10, Jan. 2011.